

VISÃO

VERIFICADO

02.07.2021 às 10h00



RUI ANTUNES JORNALISTA

Fact Check. Devo preocupar-me com a variante do SARS-CoV-2 descoberta em Angola?



Esta variante foi descoberta em Angola, no passado mês de março, e a Moderna incluiu-a num estudo, anunciando-a como aquela que apresentava o maior número de mutações em relação ao genoma original do vírus

Num comunicado divulgado esta terça-feira, 29, a farmacêutica norte-americana Moderna revelou dados sobre a capacidade da sua vacina para produzir anticorpos neutralizantes contra 16 variantes do vírus SARS-CoV-2, incluindo uma batizada de A.VOI.V2. Esta variante foi descoberta em Angola, no passado mês de março, e anunciada como aquela que apresentava o maior número de mutações em relação ao genoma original do vírus. Totaliza 34, contra 18 da variante Gamma (Brasil), 17 da Alpha (Reino Unido) e 15 a 17 da Delta (Índia).

A sequenciação do genoma da A.VOI.V2 foi realizada num laboratório da África do Sul, o KRISP, que já tinha estado envolvido na identificação da variante sul-africana (Beta). Ali foram analisadas amostras recolhidas no aeroporto de Luanda, entre passageiros que aterraram na capital angolana de junho de 2020 a fevereiro de 2021. Três desses viajantes, provenientes da Tanzânia em meados de fevereiro, acusaram positivo no teste Covid e estavam infetados com esta variante que deixou alerta os investigadores sul-africanos. Isto porque certas mutações da A.VOI.V2, também presentes nas variantes Beta e Alpha, por exemplo, estão associadas a uma maior capacidade de propagação do vírus, por um lado, e de evasão aos anticorpos produzidos pelas vacinas e pelo sistema imunitário de quem já foi infetado, por outro. O relatório com a informação pertinente seguiu para a Organização Mundial de Saúde (OMS).

Desde então, porém, não há registos em Angola de outros infetados pela variante em causa (predomina a variante Alpha), enquanto na Tanzânia os dados sobre a pandemia são escassos, até porque o presidente que governou até março era um acérrimo negacionista. **Mas será a inclusão da A.VOI.V2 no estudo da Moderna motivo para soarem alarmes? Quão preocupados devemos estar com esta nova variante?**

Depois de consultar uma base de dados do sistema de vigilância britânico à Covid-19, e as referências às mutações principais da variante descoberta em Angola (uma vez que o nome nem aparece), o epidemiologista Manuel Carmo Gomes pressupõe que “já foi detetada aqui na Europa”, mas apenas muito esporadicamente. “Não me parece que tenha uma frequência que justifique interesse”, afirma o também professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e membro da Comissão Técnica de Vacinação.

Miguel Prudêncio, investigador principal do Instituto de Medicina Molecular da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, considera que a A.VOI.V2 “não tem expressão”, na linha de tantas outras variantes insignificantes, sem características biológicas para se **impor no contexto pandémico.** “Não aparece sequer nas 25 variantes mais relevantes”, desvaloriza, por seu lado, Henrique Lopes, especialista em saúde pública e professor da Universidade Católica.



A OMS também não a qualifica de variante de interesse – e muito menos de preocupação -, como a própria Moderna sublinhou no comunicado divulgado esta semana. Ainda assim, das 16 variantes analisadas pela companhia norte-americana, a A.VOI.V2 foi a segunda contra a qual a vacina produziu menos anticorpos neutralizantes.

Conclusão

FALSO. Os especialistas ouvidos pela VISÃO garantem que não existem motivos para alarme. A variante angolana não oferece, neste momento, quaisquer razões para preocupação.